

The Editors. New Eng J Med 2000; 342:42

The second millennium is over. (...)

No one alive in the year 1000 could possibly have imagined what was in store. Furthermore, medicine is one of the few spheres of human activity in which the purposes are unambiguously altruistic in itself, a remarkable achievement. (...)

Except for some early work by the ancient Greeks, much of it wrong, there were few advances in clinical medicine until Renaissance. In the 1400 years between Galen and Vesalius, medicine was stagnant, dominated by the belief that illness reflected an imbalance in the four humors of the body-blood, phlegm, yellow bile, and black bile. Life was nasty, brutish, and short, and medical care did not help. There are many reasons little progress was made until the Renaissance, but one of them was surely that the only fit pursuit for scholars in those centuries was considered to be knowledge of God, not of man. Only with the flowering of humanism that characterized the Renaissance did that change, and it changed very rapidly. (...)

Manuel Silvério Marques. LER n° 48, 2000

Em Portugal não há muita reflexão nessa área [Filosofia e Medicina]. (...) [Os médicos] Não só têm descurado esta dimensão da profissão, ou seja, uma reflexão acerca da sua própria profissão, como, penso, têm descurado uma responsabilidade social que, sendo cada vez mais importante, cada vez parece mais faseada, por razões que se prendem com o tipo de sociedade em que hoje vivemos. Isso é paradigmático, se acompanharmos as declarações habituais dos representantes da classe, quer dizer, da Ordem dos Médicos. (...)

O que se passa é que os médicos hoje não só têm uma formação limitada no campo da medicina, devido a uma especialização cada vez maior, o que tem que ver com o progresso da ciência e é qualquer coisa de inelutável, mas

o que não é inelutável e tem estado a acontecer é que não só se fragmenta a profissão, como também a prática profissional. As pessoas desinteressam-se do que está à volta. Desinteressam-se dos problemas humanísticos, no sentido mais lato, que condicionam a sua prática profissional de todos os dias. (...)

O que se passa na medicina é ainda mais grave do que o desprezo mecanicista que produziu resultados científicos impressionantes. O que se passa com a medicina e, se calhar, com a psiquiatria e a psicologia clínica e é uma questão que está em aberto, mas penso que se passa o mesmo, é uma coisa mais elementar. É que nós, médicos, que sempre tivemos uma atitude ambivalente em relação ao sofrimento humano, o que é muito notório nos textos médicos antigos e está escrito por muitos historiadores da medicina, nós, médicos, muitas vezes provocamos sofrimento com os nossos tratamentos. (...)

Dois exemplos triviais: o tabaco e os acidentes de viação. Estes são a primeira causa de morte dos jovens em Portugal, são a primeira doença que mata os jovens. Não se percebe como é que o país não consegue resolver o problema. O tabaco está ligado à indústria e à implicação de produtos derivados do tabaco em vários tipos de cancro. É natural que as sociedades se tentem auto-regular, que tentem evitar os acidentes de viação e o aparecimento de mais cancros do pulmão. (...)

Muito sinceramente o meu sentimento é que os médicos deixaram de gostar dos doentes. Deixámos de gostar uns dos outros. Há qualquer coisa na sociedade que está a condicionar as pessoas e estas deixam-se condicionar e isso sim têm que ver com o capital em sentido lato. As pessoas procuram com avidez não o que lhes traz mais felicidade, mas o que lhes traz mais dinheiro. (...)

A medicina não está ao lado da ciência, acho que deve estar acima. O que é uma questão complicada e é o que puxa a medicina mais para o lado da filosofia. A medicina na sua justa posição é uma situação quase insustentável, de uma imensa fragilidade e de uma enorme exigência. (...)